

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. . . . . 4,500 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 14 — VOL. III.

Sabbado 9 de Abril de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 4,5300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A cidade de Coimbra, conclusão — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — Penha Longa — Uma revolução na India portugueza, continuação — A villa de Collares — A expulsão dos hollandezes do Brazil, conclusão — A villa da Covilhã — Canção indiana — Fragmentos do sonho do Eden do poeta Blomfield — Miscellanea.

GRAVURAS — Brazões das villas de Collares e Covilhã — Observatorio de Coimbra — Penha Longa.

## Historia da actualidade.

Ha em Nova York uma officina typographica, cujo prelo custou vinte mil duros. Tem de comprimento quarenta pés. Compõe-se de oito cylindros de imprimir, de modo que imprime em oito sitios ao mesmo tempo. Pertence ao jornal *New York Sun*, cuja tiragem é de vinte mil exemplares por hora.

— Modena viu-se obrigada a pedir tropas á Austria para manter a ordem e fazer o serviço das guardas, tal é a redução e estado em que está o seu exercito.

— O exercito turco compõe-se actualmente de setenta e tres mil homens.

— Já se aponta designada para a reunião do congresso que hade tratar a questão austro-italica a cidade de Manheim.

— No Porto principiou este mez a publicação de um novo jornal intitulado *O Oriente de Traz-os-Montes*.

— No dia 31 de Março existiam nas casas de asylo da infancia desvalida quinhentas noventa e nove creanças.

— Corre noticia de que o senhor visconde de Castellões pedira a sua demissão de director da alfandega grande de Lisboa.

— Parece que se trata de demolir a escadaria do adro da igreja do Loreto.

— O governo entregará á camara municipal, durante este anno, sessenta contos para a conclusão do aterro da Boa-Vista; setenta e cinco para canalisação da cidade; e vinte para a continuação da rua Nova da Palma.

— Publicou-se o primeiro numero da *Revista Contemporanea*, publicação mensal, de que são redactores os senhores Biester e Andrade Ferreira.

— O governo trata de levar a directriz do caminho de ferro á fronteira de Hespanha, passando pela Beira, e já se destinou um engenheiro para estudar este traçado.

— Já saiu de Madrid uma companhia hespanhola de zarzuelas, que vem dar representações no theatro do Gymnasio.

— As cartas selladas que entraram na administração geral do correio no mez de Março, foram duzentas nove mil quinhentas e duas.

— No anno de 1838 entraram nas cadeas civis de Lisboa mil trezentos e doze presos, incluindo n'este numero oitenta e uma mulheres.

— Segunda feira d'esta semana cantou-se no theatro de S. Carlos a opera *Macbet*, que no anno de 1849 aqui foi tão popular.

— Teve logar na corrente semana a abertura do consultorio homoeopathico, de que é presidente o senhor duque de Saldanha.

— Devem ter começado já os trabalhos para a canalisação do gaz em Setubal.

## A cidade de Coimbra.

### Conclusão.

O hospital de Coimbra é fundação d'el-rei D. Manuel. Ha n'esta cidade casa d'asylo para a infancia desvalida, um recolhimento de mulheres etc.

Os edificios da universidade estão collocados no ponto mais alto da cidade, servindo-lhe de magestosa coroa. Adornam por todos os quatro lados uma extensa praça oblonga, no fundo da qual avulta o paço das escolas e do reitor. Na frente d'este ergue-se o observatorio, e dos lados a capella, a livraria, e o collegio de S. Pedro.

A universidade foi fundada em Lisboa por el-rei D. Diniz, e pelo mesmo mudada para Coimbra, onde teve assento na rua da Sophia, nos paços reaes, que ali havia, e que mais tarde se transformaram em palacio da inquisição. Depois de ter sido por vezes, e em diferentes reinados, transferida para Lisboa, e novamente mudada para Coimbra, onde tambem esteve estabelecida no collegio de S. Paulo, el-rei D. João III deu-lhe para sede os paços reaes do alto da cidade, e desde então n'elles tem permanecido.

Encerram estes paços algumas coisas dignas de serem vistas com attenção, ou por sua riqueza, ou como antigualhas. A sala dos actos é grandiosa. Está decorada com os retratos dos reis de Portugal em grandes paineis. A sala dos capellos é guarnecida com os retratos dos reitores. Possui uma galeria de quadros, com uma grande quantidade de paineis, entre os quaes se vêem alguns de merecimento. A capella é de architectura gothica, e espaçosa como uma boa igreja. A casa da livraria é o observatorio, fundados no seculo passado, são bellos edificios, de prospecto nobre e regular. Do

terraceo superior do observatorio, e da torre da universidade desfructa-se um panorama verdadeiramente maravilhoso.

As aulas de sciencias naturaes estão um pouco distantes d'estes paços, e occupam um edificio contiguo á sé nova, que fazia parte do collegio dos jesuitas, e que o marquez de Pombal, depois da extinção d'esta ordem, reedificou com riqueza, apropriando-o ao seu novo destino. Alem d'aquellas aulas, acham-se n'elle estabelecidas as salas do museu, que encerram uma soffrivel collecção de productos dos tres reinos da natureza, o gabinete de physica, e o gabinete e amphitheatro anatomico. Defronte da fachada principal d'este edificio está o laboratorio chimico, obra magnifica, posto que incompleta.

Conta esta cidade entre os seus principaes estabelecimentos um jardim botanico, vasto, e fabricado com bastante grandeza. Considerado como passeio publico é um logar de muita concorrença, principalmente aos domingos.

Os divertimentos publicos limitam-se a uma praça de toiros modernamente feita. Ha comtudo um theatro academico, bem disposto e organizado, em que representam estudantes da universidade em certas epochas do anno.

Tem Coimbra um bom aqueducto, e duas bellas pontes. O aqueducto, chamado de S. Sebastião, tem vinte e um arcos de bastante altura. Fundou-o el-rei D. Sebastião no anno de 1570, tirando aos conegos de Santa Cruz quatro fontes de excellente agua, que n'elle introduziu para abastecimento da cidade; o que deu motivo a muitas questões e conflictos, acabando os conegos por se queixarem ao papa, porém tudo debalde, porque a obra foi por diante.

As pontes atravessam o Mondego, e um pequeno ribeiro. A primeira comunica a cidade com a estrada que conduz a Lisboa. Foi feita por el-rei D. Manuel, estando totalmente soterrada pelas areias do rio a que mandara fabricar el-rei D. Afonso Henriques. Porém as areias não tem poupadão a obra d'aquelle soberano, que se acha quasi no mesmo estado a que chegou a do fundador da monarchia. Esta ponte é um dos mais lindos passeios da cidade, assim como é o sitio de mais concorrença. A outra ponte liga a cidade a estrada do Porto.

Coimbra tem tido n'estes ultimos tempos muitos melhoramentos na limpeza e macdamisação de muitas ruas, na illuminação, que é de gaz, na plantação de arvores, no estabelecimento de novas e melhores hospedarias, etc.

Além dos monumentos antigos já mencionados, ha outras antiguidades dignas de menção e de exame. O palacio da desditosa D. Maria Telles, irmã da rainha D. Leonor Telles, é muito notavel, não só pelo interesse historico do drama, que ali se representou, mas tambem pelo lado da arte.

Os restos das muralhas que cercaram outr'ora Coimbra; a porta de *Almedina*, que a tradição diz chamar-se assim pela mataça de moiros, que ali houve na tomada da cidade; e sobretudo as reliquias do castello, que ficou tão celebre na historia portugueza pela heroica defesa de Martim de Freitas; as ruinas da igreja e convento de Santa Clara, onde por vezes viveu a rainha Santa Isabel; a fonte dos *Amores* e outras memorias da infeliz D. Inez de Castro, na quinta das *Lagrimas*; são objectos, que não podem deixar de inspirar curiosidade e veneração.

Os arrabaldes de Coimbra são nomeados por sua muita formosura. Os viçosos campos, pomares, e bosques silvestres das margens do Mondego, os montes e valles por toda a parte verdejantes, ora cobertos de frondoso arvoredo, ora servindo de assento a algum grande edificio religioso, como os conventos de Santa Clara, e de S. Francisco, de Cellas, e de Santo Antonio dos Olivares; por todos os lados rebentando agua em fontes, ou correndo em ribeiros; tudo isto são justos titulos para tão grande nomeada.

Fariamos um longo catalogo, se mencionassemos todos os sitios encantadores dos arredores de Coimbra. Não podemos porém deixar de especialisar dois, ambos cheios de infinitas belezas e amenidade, um consagrado por um principe infeliz á recordação dos seus mallogrados amores; outro dedicado pela poesia do sentimento a um dos mais nobres exercicios da nossa alma. Chamam-se esses sitios o *Penedo da Saudade*, e o *Penedo da Meditação*.

O termo de Coimbra produz muitos cereaes, e legumes, grande quantidade de batatas, fructas, e hortaliças, azeite, e algum vinho. Cria-se n'elle bastante gado, de diversas especies, e abunda em caça. O Mondego fornece algum peixe, mas da Figueira, que fica a sete leguas de Coimbra, e que vem para esta cidade grande abastecimento de peixe do alto mar.

Conta a cidade uma população superior a treze mil almas. Fazem-se ali as seguintes feiras: a 4 de Julho, no Rocio de Santa Clara; a 24 de Agosto; e em 21 de Setembro no campo de Coimbra. No dia 22 de cada mez ha na cidade mercado.

Entre os fillos illustres de Coimbra conta-se o distincto poeta Francisco de Sá de Miranda.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

THOMAS SACKVILLE (LORD BUCKHURST.)

Thomaz, fillo e herdeiro de Ricardo Sackville, chancellor e sub-thesoureiro, etc., nasceu em 1530, em Buckhurst, Sussex, d'onde lhe provém o titulo. Estudou em Hertford College, Oxford, tomando depois em Cambridge o grau de *artium magister*.

Buckhurst occupa distincto logar entre os dramaturgos antigos, sendo o primeiro que escreveu tragedias originaes, que tomaram a posição occupada pelos autos ridiculos, onde eram apresentados ao publico em phrase chula os sagrados mysterios da igreja. Julgamos esta idéa nascida das traducções do italiano, feitas por Tuberville, poeta seu contemporaneo. A primeira d'estas obras, intitulada *Gorboduc*, composta por Buckhurst juntamente com Thomaz Norton, foi representada pelos seus condiscipulos de Inner Temple, perante a rainha Isabel; e appareceu impressa em 1571 com o titulo mudado.

A *Tragedia de Ferrex e Porrex* é escripta em verso heroico solto, e dividida em actos, scenas, com todas as formalidades, emfim, de que carece o theatro.

Julgamos tão imparcial a critica de Hazlitt, que não hesitamos em apresental-a. Diz elle:

«É certamente esta curiosa tragedia a primeira da nossa lingua...; como producção do genio nada tem que admire. O seu merito consiste na regularidade do enredo, na boa metrificação, e na estricção da attenção para com o decoro. Se o poeta não tivera estampado o genio particular da epoca n'esta producção, não deixaria assim mesmo de ser uma prova consideravel da força da concepção por ter anticipado o gosto das epocas posteriores, evitando as offensas contra as regras e modos que não existiam no seu tempo: não possuindo recursos para abrir nova estrada, attendeu a eramente com modestia e precaução aos modelos classicos, que lhe eram bem conhecidos. A linguagem do dialogo é clara, simples e intelligivel: quanto a força dramatica, pouca ou nenhuma tem.

Buckhurst tentou mostrar os prejuizos nascentes da divisão do poder soberano; os seus interlocutores patenteiam as fataes consequencias da ambição e a incerteza das paixões humanas; afinal o autor pendu para a doutrina passiva da obediencia e da irrisistencia.»

Sackville contribuiu em 1563 para a segunda edição do *Mirouer for Magistrates*, uma das suas obras primas, tanto pela elegancia como pela força descriptiva. A ferti imaginação de que era dotado, e a posição que occupava, cedo o elevaram aos maiores cargos do estado. Viajando em Roma, foi detido como prisioneiro, em 1566; mas n'este mesmo anno voltou a Inglaterra a tomar posse d'uma grande herança que lhe legaram. Foi creado cavalleiro em 1567, durante a ausencia da rainha, e depois elevado a par do reino com o titulo de barão de Buckhurst. No anno de 1573 foi nomeado pela soberana embaixador junto á pessoa de Carlos ix de França. Em 1574 tomou parte no processo contra Thomaz Howard, duque de Norfolk; e no anno seguinte foi encarregado da triste missão de communicar a sentença de morte a Maria, rainha de Escocia.

Regressando d'uma embaixada aos estados geraes, e tendo sido feliz no exito d'ella, os cortejos intrigaram-no, instigando a rainha a mandal-o prender, o que conseguiram, sendo detido em sua propria casa pelo espaço de nove a dez mezes. Tendo a morte de Leicester, em 1588, deixado vago o logar de favorito d'Isabel, o poeta conseguiu occupal-o. Obteve em 1598 a condecoração da Jarreteira; negociou com lord Burleigh a paz com a Hespanha, e por morte d'este, succedeu-lhe no cargo de ministro. Em 1591, por mandado regio, em opposição a lord Essex, tinha sido eleito chancellor da universidade de Oxford. Em 1598 achamol-o conselheiro intimo de Isabel. Diogo I elevou-o a thesoureiro-mór com o titulo de *Earl of Dorset*. Buckhurst morreu a 19 d'Abril de 1608.

Continua.

F. E. PAYANT.

### Penha-Longa.

Encostando-se á serra de Cintra, do lado de leste, corte um valle do norte a sul, ameno porque a montanha o abriga de muitas asperezas do tempo; formoso pelos densos bosques, que o sombreiam, e pelas limpidas aguas, que por toda a parte ali murmuram com doçura, ou saltam como brincando; pittoresco pelos accidentes do terreno, pelas rochas de formas phantasticas, e por mil variados contrastes. Tira o seu nome da ribeira de Penha-Longa, que o corta, e fertilisa com suas puras aguas. E deve a celebridade, que outr'ora gosou, a um antigo mosteiro de monges de S. Jeronymo, que ali meio se esconde entre a espessura dos arvoredos.

Foi este mosteiro o primeiro, que a ordem de S. Jeronymo levantou em Portugal. A fabrica primitiva era excessivamente modesta e acanhada. Começaram-a no anno de 1355 frei Vasco Martins, ou, conforme outros querem, frei Vasques Monteiro, da familia dos condes de Santa Cruz, e mais dois companheiros, que faziam vida eremitica juntamente com elle.

No anno de 1400 sendo confirmada pelo papa a nova ordem, deu-se começo a mais ampla fabrica, para a qual concorreu el-rei D. João I com algumas esmolras, e por esta razão, sem duvida, foi o templo consagrado a Nossa Senhora da Victoria, em commemoração da gloriosa batalha d'Aljubar-

rota. Porém no anno de 1569, vindo o flagello da peste assolar o reino, e correndo os povos d'aquelles arredores em continuadas romarias a implorar o socorro da Virgem para a dôr e angustia, que os opprimia, apenas cessou o terrivel mal, principiaram a invocar a sagrada imagem com o nome de Nossa Senhora da Saude. A devoção, crescendo muito pelo tempo adiante, fez popular a nova invocação, acabando completamente com a antiga.

A imagem da Senhora consta que pertencera a Rui de Araujo, estremado capitão, que tanto se distinguu nas guerras d'Asia. Mas não julgamos exacto, como pretendem alguns escriptores, que d'essa doação de Rui de Araujo tivesse origem a invocação de Nossa Senhora da Victoria, que data da fundação do mosteiro.

Os reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, e cardeal D. Henrique, e o infante D. Luiz, fizeram importantes reedificações, e consideraveis augmentos n'aquelle mosteiro. A igreja actual é obra inteiramente dos dois primeiros. Interiormente, com a sua abobada de laçaria de pedra, revela o gosto da architectura manuelina. Exteriormente bem deixa ver o estilo classico, chamado do renascimento, e introduzido em Portugal no reinado de D. João III.

Todos aquelles soberanos, bem como o infante D. Luiz, buscavam ás vezes este sitio devoto e delicioso para se recrearem, e orarem. Para este fim mandou el-rei D. Manuel construir junto ao convento uns paços, que se ficaram denominando hospedarias; os quaes foram restaurados por D. Pedro II.

A igreja é ornada de varias estatuas dos evangelistas e dos apóstolos esculpidas em marmore. Sobre o cruzeiro ergue-se uma cupula coroada por uma estatua em marmore do archanjo S. Miguel, empunhando na mão direita a espada, e na esquerda um escudo, no meio do qual estão gravadas as iniciais Q. U. D., que querem dizer — Qus ut Deus.

A situação baixa d'este mosteiro tem-o exposto por vezes a grandes inundações. Uma inscripção, collocada debaixo do alpendre da entrada principal, diz: «Na era de 1627 em o 1.º de Dezembro ao meio dia houve uma cheia, que alagou todo este convento ate á altura d'esta pedra.» Está a lapida elevada do chão obra de seis palmos.

Mas por esta mesma razão, que ali se juntam e accumulam as torrentes despenhadas da serra, é o valle extraordinariamente fertil, povoado de arvoredos seculares, e sempre e por toda a parte coberto de verdoros.

Proximo ao mosteiro, em sitio um pouco mais alto, avulta o pittoresco penedo chamado dos *oros*, pela sua singular configuração, e que serve de penha a uma cruz.

A cerca e mosteiro foram vendidos em 1834, logo depois da extincção das ordens religiosas. Desde então tem passado a diversos possuidores.

Apesar dos muitos estragos, que o tempo e o abandono ali causaram; e apesar das mudanças operadas pelos diferentes proprietarios, merecem bem a pena de uma visita o mosteiro e o valle. A's belezas da paisagem vem juntar-se o interesse de muitas recordações historicas. O mosteiro em que viveram vida tão austera e apertada os primeiros monges de S. Jeronymo, que houve em Portugal; os paços, onde el-rei D. Manuel se encerrou durante o nojo pela morte de sua segunda mulher, a rainha D. Maria; e a antiga livreria e a cella prioral, em que residiram por vezes os reis D. Sebastião, e D. Henrique, e o infante D. Luiz; o pomar denominado *Jardim do cardeal rei*, com as suas fontes das *Lagrimas* e de *Moyse*, que tantas vezes viram junto de si almoçando e folgando o mal aventurado rei D. Sebastião; o outro pomar chamado *Jardim das Damas* nos felizes tempos do rei *afortunado*, onde a formosa infante D. Beatriz vinha espaiarecer saudades do seu Bernardim Ribeiro; são logares cheios de memorias, que se contrastam, recordando ao mesmo tempo humilhações e grandezas, asperezas e delicias, venturas e infortunios, idéas religiosas e pensamentos d'amor.

I. DE VILHENA BARBOSA.

## Uma revolução na Índia portuguesa.

II

*Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen-politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822. Escripção pelo general Marinho, em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1853.*

ACONTECIMENTOS CRITICOS PORQUE PASSEI DURANTE O TEMPO QUE SERVI NA INDIA PORTUGUEZA.

Continuação.

Em Pangim reuni-me logo com os granadeiros portuguezes, com o batalhão de caçadores de Bicholim do meu bravo Agostinho José Lopes, e com os restos do regimento d'artilharia.

Formei toda a tropa na frente do palacio; o conde de Rio Pardo observou os principaes movimentos, porque vestiu antes de tempo o seu uniforme de tenente-general.

Uma deputação composta de João Maria d'Abreu Castello Branco, de Manuel Duarte Leitão Saraiya, ambos então desembargadores da relação de Goa, do doutor Antonio José de Lima Leitão, então physico-mór, e de outras pessoas notaveis e de consideração subiu ao palacio a intimar ao conde de Rio Pardo, que o seu governo estava acabado.

O conde de Rio Pardo vendo que a deputação o tratava com muito respeito, quiz ganhar tempo para que viesse o dia: logo que eu fui prevenido d'esta ultima chicana, rompi a arvorada com um tiro de metralha contra o palacio, cornetas e tambores, e elle que sempre, quando com muito agrado lhe obedeciam, fallava com um orgulho pungeute, tornou-se mais serafico que S. Francisco.

Depois marchou com uma pequena guarda de honra da legião de Pondá ás suas ordens para o convento dos carmelitas do Cabo aonde elle tinha ido na vespera escolher prisões para os constitucionaes, e escolher um lugar para mandar construir uma bateria para bater os navios portuguezes que quizessem entrar.

Logo que chegou ao convento foi-se pôr de joelhos diante de uma Nossa Senhora por mais de uma hora a dar-lhe graças do o salvar dos perigos em que elle se julgou.

Tudo isto foi medo de mais, porque nunca houve tenção de o offender, nem faltar-lhe ao respeito.

No convento, até que foi para Bombaim, portouse com aquella prudencia, que devia ter tido alguns mezes antes.

No momento em que foi deposto morreu perfeitamente em politica e nem os seus aldrubios que lhe promoveram aquelle desar, se lembraram d'elle como deviam.

Se o conde de Rio Pardo tivesse tido sentimentos mais cavalheirosos, mais politica e mais prudencia não seria possível tal revolução.

Os seus aldrubios, e algum encarnação inimigo dos direitos da senhora D. Maria II, como o prova um documento, que veio ao governo da ilha Terceira, no qual me fallou na mesma ilha Antonio Cesar de Vasconcellos Corrêa, foram os agentes que promoveram aquella revolução por ridiculas invejas e ciúmes, e tambem mui ridiculas ambições, que o conde não soube prevenir, nem cohibir.

A revolução que o depoz foi feita mui pacificamente, e tanto que não houve para pessoa alguma uma só palavra offensiva, nem menos attentiosa; n'esse dia pareciam todos estar perfeitamente d'accordo, e ser todos de uma mesma opinião.

As nove horas da manhã todos estavam nos seus trabalhos, parecendo que não tinha havido tal acontecimento; isto prova com evidencia a differença que havia pela administração do conde.

Constituiu-se immediatamente uma junta governativa provisoria: appareceu logo quantidade prodigiosa de ambições, e de intrigas: a junta não teve a capacidade politica necessaria para ser indifferente ás intrigas, e reprimir as ambições.

Armou-se tambem logo de uma quantidade de aldrubios maior que a que tinha o conde: a differença que havia entre uns e outros, era que os do conde de Rio Pardo eram absolutistas, e os da junta provisoria fingiam-se constitucionaes, porém nem uns eram absolutistas, nem os outros constitucionaes: tinham todos os mesmos fins, usando dos mesmos meios, a mesma immoralidade, a mesma parlapatisse, e o mesmo descaramento.

Em consequencia a junta provisoria entrou a fazer destemperos: um foi uma promoção mui desnecessaria, e despendiosa, aonde ex-capitães sentenciados por crimes deshonrosos foram promovidos por patronatos immoraes a maiores: então a junta desacreditou-se, para com a gente honesta, e este descrédito generalizou-se.

Quiz como o conde de Rio Pardo por meio da força armada, e seus aldrubios ganhar força politica com os seus erros e destemperos, e seu infundido orgulho, porém o descrédito era tal que isso em lugar de lhe dar força acarretou-lhe certo desprezo e odio tacito.

Vendo eu tantos destemperos, e tanta fofice indiscreta, e não me querendo comprometter, retirei-me da frequencia de visitar os mais influentes membros da junta, porque reconhecia n'elles excesso de leviandade, de immoralidade, e immoderados desejos de comprometter mui totalmente os seus amigos, o que é sempre uma velhacaria, só propria de gente de vis sentimentos e baixa educação: retirei-me com muita prudencia, porque não queria ser considerado, nem como um dos seus aldrubios, nem como cónniveente nos seus destemperos.

Nunca lhe fiz a guerra nem jámais disse mal da junta, até porque estava esperando todos os dias a nau de viagem, e ordem de sua magestade o senhor D. João VI para regressar, como immediatamente regresssei.

A junta offendeu-se d'esta minha separação, porque estava tão orgulhosa, que julgava crime de primeira cabeça o não se lhe metterem debaixo dos pés para ella pisar: resolveu vingar-se de mim como se eu tivesse commettido o maior de todos os crimes.

Mandou-me sequestrar todos os papeis, e remetteu-me preso para a praça d'Alorna sem me dizer o motivo.

Os papeis que eu tinha eram cartas muito velhas, familiares, de pessoas da minha amizade do Porto, de Lisboa, do Rio de Janeiro, de Bombaim, e apontamentos para memorias em mathematica, em artilharia, e em tactica: mesmo assim a junta com aquelle sequestro fez-me perder todos aquelles papeis.

Entre na praça d'Alorna: o seu mui digno governador o tenente-coronel Feio, natural de Lisboa, pessoa muito bem educada, e de muita civilidade disse-me: «A minha mesa é a sua, não consinto outra coisa, tem o melhor quarto, a guarnição já o conhece, porque é da legião de Bardez, que fez a campanha com você, serviu na sua brigada, e muito sua amiga, e está muito contente; tenho ali uma clavina para ir á caça, que ha bastante, dirija isto como quiser.»

Esta recepção, que se me fez na praça d'Alorna, parece que custou á junta provisoria, e então ella talvez persuadindo-se que lhe aconteceria o mesmo, que aconteceu ao conde de Rio Pardo com a minha deportação para Pondá, immediatamente me mandou transferir para o pequeno forte de Neurá (parece-me ser este o nome), nas margens do pequeno rio d'esta denominação.

Este forte era todo guarnecido por veteranos portuguezes; o seu governador tratou-me egualmente bem, e disse-me logo, que estava á minha disposição; deu-me o melhor alojamento que havia, que era quasi por cima da porta do forte.

Em Goa n'aquelle tempo os portuguezes militares tinham uma especie de sympathia exaltada uns pelos outros, porém sendo tratantes perdiam então essa sympathia: os veteranos vieram ver-me, e disseram-me: «aqui está seguro, nós somos todos portuguezes, só ha um hespanhol, que se não se mostrar bom portuguez afogamo-lo.»

D'ahi a dias appareceu o desembargador da relação de Goa, Monteiro, com um escrivão dizendo que vinha interrogar-me: este desembargador era

da cidade do Porto, meu patricio, conhecia-me desde mui rapaz, tinha mui pouca instrução, mui pouca educação, era aristocrata sem motivos, tinha maneiras de um mau carpinteiro de machado do arsenal da marinha.

Quando se apresentou no forte todos os veteranos acudiram ali pela novidade, e todos em uma especie de borburinho espreitavam o que aquillo era.

Depois dos primeiros preambulos do anno do nascimento etc. o desembargador com cara de juiz fingindo que não me conhecia, diz-me: *V. queria fazer-se rei de Goa?* Não me sendo possível esperar tamanha parvoice, e tão grande tolice, fiquei surprehendido, e pungi-me; então respondi-lhe com pouca civilidade: «v. s.<sup>a</sup> não vem interrogar-me, vem provocar-me, e de uma maneira que parece que não está bom de saúde: essa junta que o encarregou de provocar-me foi feita por influencia minha; v. s.<sup>a</sup> é testemunha d'esta obra. Não ha lei que obrigue os habitantes de Goa a obedecerem a uma obra feita por mim, e eu tenho direito de me arrender de uma obra que fiz sem reflexão, por dois principios mui simples. A nau de viagem não pode tardar muito; talvez não esteja muitas milhas distante da costa; as providencias que ella trouxer não podem ser vantajosas nem á junta, nem aos seus aldrubios; se a nau não chegar promptamente peor, porque a junta tem em si o elemento da sua destruição: v. s.<sup>a</sup> e a junta façam o que quizerem, até lhe assigno tudo, excepto escriptos de divida.»

Continua.

## A villa de Collares.

Nas faldas da serra de Cintra, uma legua ao oeste da villa d'este nome, está sentada a villa de Collares á sombra de frondosos arvoredos. Pela encosta da serra sobranceira á povoação vão subindo algumas casas, quintas, e mattas de castanheiros. Inferior á villa estende-se um fertil valle, denominado a *Varzea*, todo coberto de pomares, e cortado pelo rio das Maças, que vae desaguar no oceano d'ahi uma legua. E' pois sobremodo amena e deliciosa a situação de Collares.

Quanto á sua origem pouco se sabe, só sim que é muito antiga, e que já existia no tempo dos romanos, porque d'isto dão testemunho muitas medalhas e inscripções romanas, que ahi tem sido encontradas.

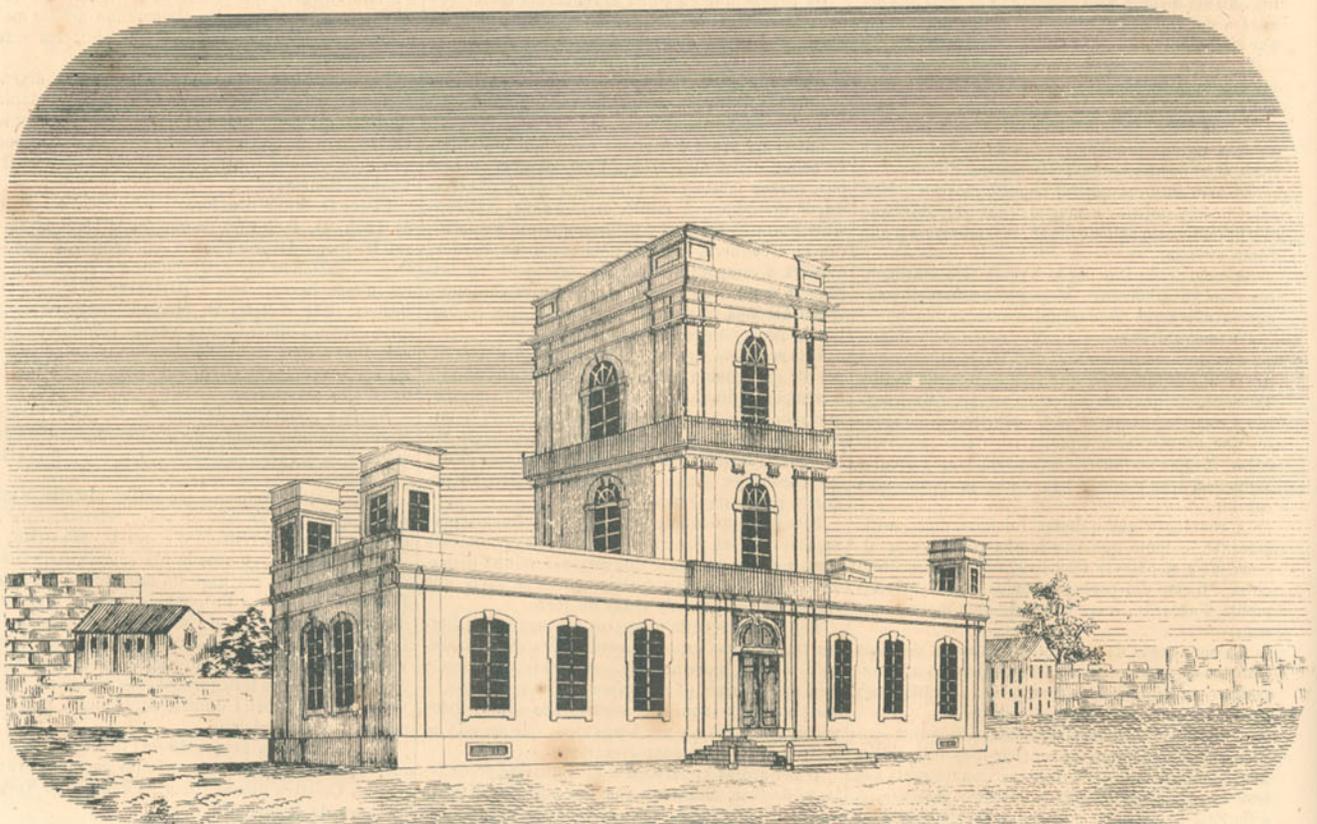
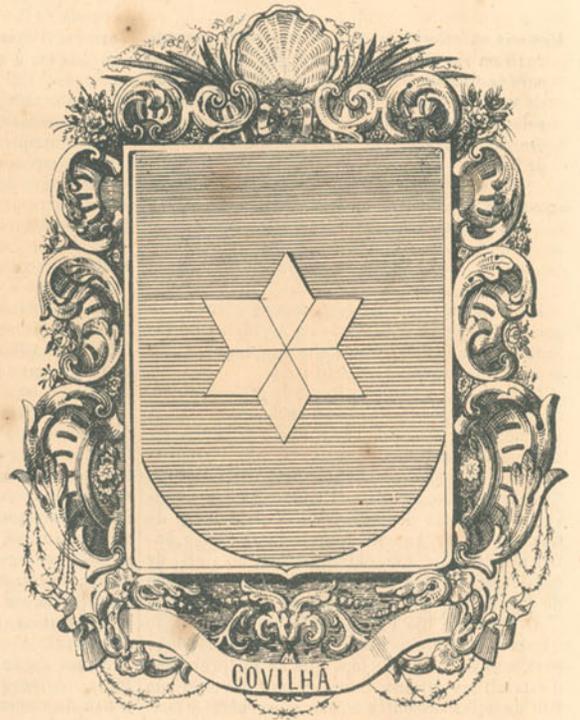
Tambem não consta o que passou sobas diversas dominações, a que esteve sujeita a Lusitania depois da queda do imperio romano. Provavelmente viu-se livre do jugo sarraceno ao mesmo tempo que a sua vizinha Cintra, que foi resgatada por D. Afonso Henriques.

El-rei D. Diniz deu foral a esta villa em Maio de 1255. D. João I fez doação d'ella ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira em Agosto de 1385. Depois, passando successivamente a diferentes netos d'este heroe, veiu a pertencer á infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel, pela morte da qual entrou Collares outra vez no dominio da corôa. Este ultimo monarcha deu-lhe então novo foral em Novembro de 1516, augmentando-lhe muito os antigos privilegios.

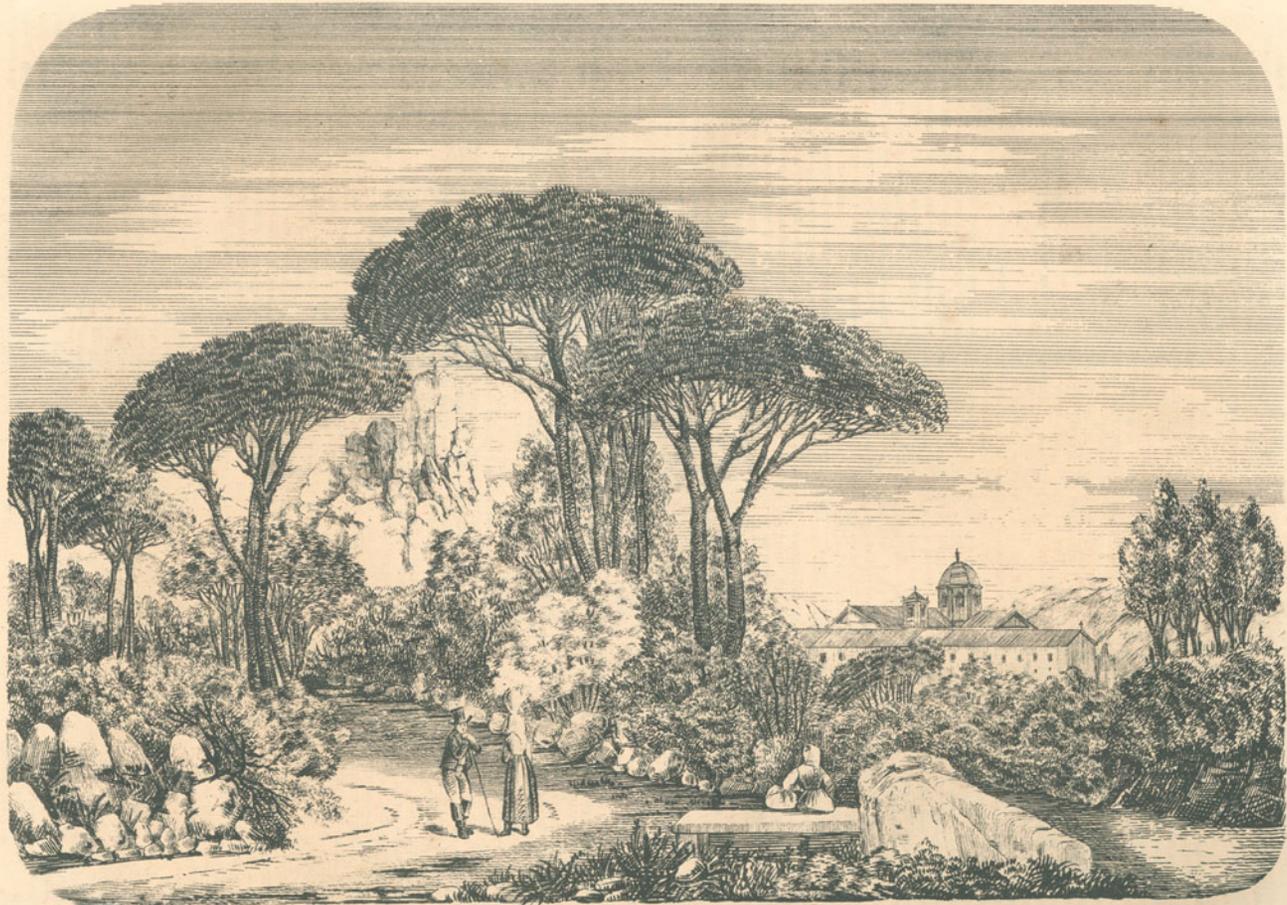
Sobre a etymologia do nome de Collares, parece melhor opinão a que o deriva dos dois collos ou collinas, sobranceiros á Varzea, em que a villa está edificada.

Collares teve tambem o seu antigo castello, e tão antigo que nada se sabe ao certo relativamente á sua fundação. No reinado d'el-rei D. Sebastião, e já anteriormente, o senado da camara servia-se d'elle para diversos usos do ministerio publico. Porém no tempo dos Philippes de Castella, querendo D. Diniz de Mello e Castro, que foi bispo de Leiria, de Vizeu, e da Guarda, estabelecer n'esta villa a sua residencia, pediu e alcançou a posse do castello, que logo transformou em um palacio, juntando-lhe uma bella quinta, actualmente pertencente a seus herdeiros.

D'esta fortaleza provavelmente procedem as armas da villa, que são um castello entre arvores. Tem Collares uma só parochia dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.



Observatorio de Coimbra.



Penha Longa.

A casa da misericórdia foi fundada por D. Diniz de Mello e Castro.

Nas proximidades da villa, em logar plano, mas um pouco mais alto, está o edificio do extincto convento de Sant'Anna, que pertenceu aos religiosos carmelitas. Deu principio a esta fundação frei Constantino Pereira, que morreu em 1465, e era sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Na capella-mór da igreja está sepultado o seu padroeiro, o bispo D. Diniz, e n'outras sepulturas, em um carneiro, e em dois tumulos de marmore, varias pessoas da sua familia, entre as quaes se contam Antonio de Mello e Castro, e seu filho Caetano de Mello e Castro, ambos vice-reis do estado da India.

Não muito distante de Collares, junto do oceano, ergue-se a ermida da Peninha sobre um elevado rochedo. Diz a lenda, que, no tempo de D. João III, andando uma rapariga muda a pastorear n'esta serra varias ovelhinhas, lhe fugira uma, e depois de muito procurar a foi encontrar ao pé d'aquelle rochedo, e apparecendo-lhe então ahi Nossa Senhora lhe deu falla. A narração do caso atrahiu logo áquelle sitio todos os povos das visinhanças. Desappareceu-se entre as fendas da rocha uma imagem da Virgem, feita de pedra, que immediatamente foi transportada para uma antiga ermida de S. Saturnino, perto d'ahi. Desapparecendo, porém, a imagem por tres vezes, e indo-se sempre achar na mesma peneira, sobre esta se lhe construiu ao principio uma pobre ermida, que no anno de 1673 foi desfeita, e em seu logar edificou a actual Pedro da Conceição, gastando n'ella uma boa herança, que recebera, e fazendo-se ermitão de Nossa Senhora. E' o templo pequeno e de humilde apparencia no exterior, porém interiormente é rico de materiaes e d'arte, pois que todas as paredes e o altar-mór são de marmores de côres em obra de mosaico. Os marmores foram tirados da mesma serra, a pouca distancia da ermida. Este santuario é ainda hoje de bastante devoção, e concorrência, porém outra affluia ali muito maior numero de fieis, e era visitado de muitos curios e romagens.

Pouco adiante de Collares fica o logar de Almoçegeme, e perto d'ahi duas curiosidades naturaes dignas de se ver: a *Pedra d'Alvidrar* sobre o oceano, e o *Fojo* mais no interior.

A villa de Collares é cercada de muitas e formosas quintas, das quaes só especialisaremos a de *Rio de Milho* por encerrar a mais gigantesca e viçosa camelia, que ha em toda a Estremadura.

O sitio chamado a Varzea é dos mais lindos e amenos dos arrabaldes da villa. As aguas do rio das Maças, represadas ahi em uma ponte de pedra, deixam gosar o prazer de navegar-se em um pequeno barco, que ali ha para esse fim, pelo rio acima até certa distancia, sempre entre pomares, e debaixo de copado arvoredos.

A uma legua da villa está a praia das Maças sobre o oceano, onde termina o rio d'este nome, e o valle de Collares. Não ali muitas familias tomar banhos do mar na estação propria.

O termo de Collares produz grande abundancia de excellentes fructas, que abastecem a capital, e se exportam para Inglaterra, e de vinhos, que são estimados, e se assimilham aos de Bordeos. A população da villa e arrabaldes anda por mil e setecentas almas.

E. DE VILHENA BARBOSA.

#### A expulsão dos holandezes do Brazil (1645—1654).

11

#### Conclusão.

*Desenlace — Causas que para elle concorreram — Assalto das obras avançadas — Proposta de capitulação — Condições da capitulação — A frota estranha a ella — Juizo acerca d'estes chefes — F. Vieira e Vidal — Vidal, Barreto e Henrique Dias — Considerações em favor da herança das honras — Tomas de posse — Finzas de Barreto — Festos na corte — Recompensas aos chefes e soldados — Distinção de Vidal — Vieira e Vidal em Angola — Teixeira de Mello — Os Henriques —*

*Dias Cardoso — Historiadores parciais — Ericetira — Calado — Fr. Raphael de Jesus — B. Freire.*

Dois novos acontecimentos vieram influir poderosamente para terminar a lucta: a definitiva organização da *Companhia de Commercio do Brazil*, e o rompimento de uma guerra entre a Hollanda e a Inglaterra. Com o estabelecimento da primeira, navegando todos os navios portuguezes em comboyos perderam os do Recife o abastecimento continuo que recebiam dos nossos navios solitarios e desgarrados que tomavam, e o mar ficou em poder dos nossos; com a segunda os estados geraes não podiam dispôr de forças navaes para vir luctar com a armada da companhia essa posse pacifica.

Reservando-nos para outra conjunctura o dar idéa da organização administrativa d'essa companhia de commercio, baste-nos saber que, por sua instituição, ficou ella interessada, e até obrigada a concorrer para a recuperação dos postos que estavam em poder do inimigo. Partiu de Lisboa a sua primeira frota no principio (dia 4) de Novembro de 1649, e apresentando-se diante do Recife em 15 de Fevereiro do anno immediato, deixou ahi alguns soccorros que de terra veio pedir Philippe Bandeira de Mello. — Seguiram-se outras, até á que com mais de sessenta navios, inclusos os transportes, em cujo numero entravam barcos inglezes e até holandezes, se apresentou tambem diante do Recife em 20 de Dezembro de 1653, ás ordens de Pedro Jaques de Magalhães, ao depois primeiro visconde de Fonte Arcada. — Mais poderosa que as precedentes, levava esta instrução expressas para moralmente apoiar um ataque definitivo que devia contra a praça tentar as forças de terra. Concertado o plano entre os chefes do exercito e o da esquadra, foi por aquelles ordenado que se começasse o assalto pelas obras exteriores. Não nos detenhemos agora a especificar os appoxes, nem a individuar os recontros, nem a contar os assaltos, nem a enumerar os mortos e os prisioneiros. — Cansado de assistir a tanto fogo e ruído de armas o leitor deve estar, como nós, ansioso de chegar ao desfecho da lucta, para poder tomar folego vendo a patria livre. O total das nossas forças montava a tres mil e duzentas praças. No dia 16 de Janeiro se rendeu aos esforços dos sitiantes a fortaleza do Lego ou das Salinas. — Dombberghen, commandante da de Altanar, ou Santo Amaro, capitulou com a sua guarnição de setenta e duas praças. Os fortes do Buraco, Afogados e Barreta foram logo abandonados, e em todos tres tremolava já a cruz da ordem de Christo, que era e não a das quinias até o meado do seculo passado a bandeira official no Brazil.

Na noite de 20, André Vidal, com mil e cem infantes escolhidos de todos os corpos, arrojou-se á empresa de assenhorear-se das obras corneas do forte das Cinco-Pontas, entrando-as pela gola, directamente batida pelo mesmo forte. A audacia da empresa foi coroada do merecido exito, bem que Vidal saiu d'ella ferido n'uma perna. — As pegas foram voltadas contra o forte, e o batiam de continuo. Na praça escasseavam os mantimentos e até o numerario. Chegaram-se a cunhar moedas de prata obsidionaes, lisas de um dos dois lados. — O assalto do forte das Cinco-Pontas deveria seguir-se, quando entre os sitiados começou um borborinho que passou a assuada, e se ia convertendo em alboroto. A voz em grita já pelas ruas se exigia capitulação. — Resistiram a principio o chefe militar e os do conselho; mas por fim todos tiveram que ceder. Pediram, por parlamentar, uma conferencia, que lhe foi concedida, e Vidal nomeado para ella. — Descansemos já, pois a sorte de Pernambuco está confiada ao illustre parahibano.

Propozeram os sitiados a entrega da praça, com as mesmas condições com que haviam capitulado outras fortalezas. Nada parecia mais natural do que o acceptal-as. Porém Vidal viu que a capitulação já era indispensavel, e não quiz que ella deixasse de comprehender a Parahiba sua patria e a ilha de Itamaracá, visto que todas estas praças estavam sujeitas á autoridade suprema que capitulava. — Foi assignada a capitulação na noite de 26 de Janeiro, na campina diante do forte das Cinco-Pontas, estipulando-se o esquecimento do passado,

e a segurança da propriedade aos vencidos; que poderiam retirar-se com seus bens moveis e papeis, e os casados com suas mulheres; consentindo-se a todos a demora de tres mezes para ultimar seus pleitos, deixando, d'esse praso em diante, a procuradores o encargo de vender o que ainda lhes restasse. Eguamente se estipulou que os que ficassem, em assumptos de religião, seriam tratados como se residissem em Portugal; e que durante quatro mezes seriam respeitadas as embarcações holandezas que fossem chegando, e que as duas côrtes se entenderiam acerca dos casos de indemnisação. Os vencedores obrigaram-se a ceder aos holandezes todas as munições de bocca existentes nos armazens, e a fornecer-lhes transportes seguros para os conduzir á Europa. Pela sua parte os vencidos fariam entrega de todas as praças, munições de guerra e artilharia, etc. Queriam estes incluir um artigo para que nada do ajustado fosse valido, se n'aquelle data as respectivas côrtes houvessem feito algum pacto estipulando o contrario; mas isso não lhes foi admitido. Os effeitos e munições entregues pela capitulação foram de grande valor, e d'elles foi ultimamente (1839) impresso o inventario em Pernambuco. Comprehenderam-se na entrega quatrocentas sessenta e quatro moradas de casas, incluindo o palacio do governador, uns trezentos canhões, trinta e oito mil balas, mais de cinco mil espingardas, quasi duas mil arrobas de pólvora, além de espadas, pistolas, etc.

Ha que advertir que nem Pedro Jaques, nem cabo nenhum da sua frota, tomou ostensivamente parte alguma na capitulação, que foi exclusivamente assignada pelos sitiantes, para ainda n'esta occasião se proceder com a mesma habil e reserva politica até então seguida. Entretanto a mesma frota não velejou para a Bahia senão depois que as entregas estavam definitivamente effectuadas, e segundo a phrase das relações contemporaneas, todas concordando em sustentar a dita politica, tudo foi resolvido sob a responsabilidade dos chefes, e em virtude de razões antes não previstas, a que haviam accedido para bem da paz.

E deixando que os loiros da victoria ornem a frente dos nossos principaes caudilhos, justo é que d'elles nos occupemos, e demos a cada um, com toda a imparcialidade historica, o quinhão de justiça e de consideração que lhe caiba.

Estudando bem os factos, João Fernandes Vieira não apparece decididamente tão grande homem, como em detrimento dos seus camaradas nol-o quizeram apresentar seus panegyristas. Segundo os holandezes rebellou-se porque lhes devia o que não podia pagar; e se d'isto pode duvidar-se, é comtudo certo que o mesmo Fernandes Vieira lucrrou administrando o engenho e os fundos do seu benefactor, o hollandez Jacob Stachouwer. Era Fernandes Vieira de aspecto melancolico, testa batida, feições pontudas, olhos grandes, mas amorticados, e de poucas fallas ainda na velhice.

André Vidal era homem tão superior que necessitaria um Plutarcho para apreciar-o. Em quanto empreheu, sempre com muito esforço e valor, não levava a mira no premio, nem talvez n'es-se mesmo phantasma da gloria que tantas vezes nos embriaga; tudo fez por zelo e amor do Brazil, ou por caridade christã. Sua abnegação a bem da patria chegou ao excesso de consentir que circulassem, sem a minima reclamação, essas infundadas narrações contemporaneas d'esta campanha, que sempre lhe attribuiam um papel tão secundario. Quanto possuia era primeiro dos bons soldados do que seu. E tinha o raro merito de saber grangear amigos, sem lhes offender sequer o melindre por agradecidos. Do seu sincero animo religioso nos deixou prova na capella da Senhora do Desterro, perto de Guiana, por elle instituida « em louvor dos muitos beneficidios e victorias que por intercessão da mesma Senhora alcançou dos inimigos. » (1). E para que não pareça apaixonado este nosso juizo, transcreveremos aqui textualmente a informação (2) que do mesmo Vidal deu ao primeiro rei da dynastia brigantina o insigne padre Antonio Vieira:

(1) Assim se lê no alvará de confirmação do vinctulo de 6 de Dezembro de 1678.

(2) Carta do Pará de 6 de Dezembro de 1655 (14.º do tom. 1).

«De André Vidal direi a vossa magestade o que me não atrevi até agora, por me não apressar, e por que eu que tenho conhecido tantos homens, sei que ha mister muito tempo para se conhecer um homem. Tem vossa magestade mui poucos no seu reino que sejam como André Vidal; eu o conhecia pouco mais que de vista e fama; e tanto para tudo o demais como para soldado; muito christão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, muito zeloso do serviço de vossa magestade e observador das suas reaes ordens, e sobretudo muito desinteressado, e que entende mui bem todas as materias, posto que não falle em verso, que é a falta que lhe achava certo ministro, graude da corte de vossa magestade.»

Francisco Barreto era um grande cabo de guerra, sobretudo quanto a dotes de circumspecção, reserva e prudência. Seu aspecto carrancudo, acaso mais sombrio e rugado em virtude da recente prisão que soffrera, condizia com o seu genio serco, com as poucas palavras que proferia, e o arregaño militar, e a voz aspera, e os castigos raros, mas severissimos, que impunha, como partidario da maxima antiga de que os soldados devem temer o proprio capitão mais do que o inimigo.

Henrique Dias era bravo, fogoso e ás vezes desabrido; e mais valente para obrar, que apto para conceber. Naturalmente loquaz, desconhecia o valor do segredo e discrição nas empresas; mas era dotado de coração benevolente e uma alma bemfazeja. Do seu companheiro Camarão já dissemos quanto sabiamos.

Com profunda magoa nos cabe aqui dizer que de nenhum d'esses chefes conhecemos o jazigo, que nenhum d'elles tem no paiz uma estatua, nem ha representantes vivos que de cada qual leve o nome! O mesmo dizemos ácerca dos illustres restauradores do Maranhão Antonio Muniz Barreiros e Antonio Teixeira de Mello. Este recebeu como primeiro premio do seu serviço (talvez depois de ser chamado á corte) a sentença de 12 de Dezembro de 1646 obrigando-o a pagar ao donatario de Tapuitapera (Alcantara) quatro mil cruzados de perdas e danos por haver obrigado os seus colonos aos trabalhos da guerra! Já Berredo (§. 926) lamentava a injustiça da patria para com os herdeiros de Teixeira de Mello, quando se provava judicialmente sua illustre procedencia. Resta d'esses heroes só a historia: mas o estudo e leitura da historia alcança a tão poucos!... Pela nossa parte, confessamos que teriamos orgulho de apresentar hoje em dia ás outras nações alguns herdeiros dos poucos grandes nomes que figuram no nosso passado: tanto mais quanto opinamos que a aristocracia hereditaria tem por si o apoio da razão; pois uma vez que, particularmente, do que alcançou cabeleas votando-se ao commercio, ou a qualquer industria braçal ou mental, respeitamos a propriedade transmittida aos filhos e netos, não concebemos que egualdade de justiça haja em excluir do gozo da hereditariade a certas recompensas publicas ganhas pelos que, em vez de terem dedicado a vida a juntar dinheiro, a gastaram mais nobremente servindo a patria, á custa de seu sangue, do seu cogitar, e até da sua propria fazenda... O que deversas ama a gloria, mais sacrificios fará por adquiril-a, quando a veja no futuro por todas as formas perpetuada, e quando a patria recompense nos filhos sua abnegação, e lhes assegure a propriedade das hõnras, que elles em vez de dobrões juntaram.

Contendo-nos porém n'estes desafogos, que poderiam degenerar em dissertações de publicista, digamos em resumo quanto se passou na entrega da praça.

No dia immediato ao da capitulação (Janeiro 27), tomaram as tropas vencedoras posse de todos os fortes e da cidade Mauricia; arvorando-se por toda a parte a cruz da ordem de Christo, que traziam ás nossas bandeiras.

Ficaram porém todo esse dia, e noite e dia seguinte, as tropas sob as armas, até que no (28) immediato á tarde, se apresentou o nosso general com o seu estado maior a cavallo, sendo esperado ás portas da praça pelos do supremo conselho hollandez e o general Sigismundo, todos a pé. Apoeuse tambem o nosso general, para a cerimonia da entrega das chaves, ao som de muitos disparos de

mosquetaria e salvas de artilharia; quadro por certo digno de immortalisar algum artista brasileiro, como o da rendição de Breda a Spinola immortalizou a Velazquez. A pé seguiu Barreto com os chefes vencidos, tratando-os com a generosidade e politica que costumam os valentes. Junto á ponte entrou por cortezia na casa do general Sigismundo, e um pouco á quem d'ella na do presidente do supremo conselho; e nas casas do mesmo conselho passou a alojar-se. Os soldados hollandezes, em numero de mais de mil, foram mandados aquartelar-se em Olinda, recebendo cada qual uma pataca de quatrocentos e oitenta reis. Os indios e pretos que haviam estado em serviço d'elles foram mandados encorpar-se nas respectivas companhias dos nossos.

De tomar posse dos districtos do norte da provincia, foi encarregado Francisco de Figueiroa, do sul Philippe Bandeira de Mello, e a Portugal foi encarregado de ir levar a noticia, talvez attendendo-se ainda á muita parte que lhe pertencia em toda a victoria, o modesto André Vidal, que chegou ao Tejo no dia de S. Jose, 49 de Março. A boa nova foi de tal modo festejada, que na manhã seguinte fez el-rei cantar na capella real, diante dos oito tribunaes da corte, um *Te-Deum*, que se repetiu depois nas demais egrejas da cidade. El-rei deu novas acções de graças, indo no dia seguinte a cavallo á se, e assistindo ali em procissão com toda a corte. Logo depois começou a tratar das recompensas e retribuições dos que por tantos e tão aturados serviços as haviam bem merecido. André Vidal não pediu nenhuma para si, e apenas cuidou de representar a justiça dos outros. Entretanto a elle como a Barreto e a Fernandes Vieira foi por el-rei concedido o fôro grande, e a cada qual uma commenda lucrativa na ordem de Christo. Uma provisão (29 Abril 1654) ordenou que aos officiaes do exercito libertador de Pernambuco se confiassem os melhores cargos da capitania, e que aos soldados que não possessem a elles aspirar se dessem terras de sesmaria, tudo, dizia el-rei, para remunerar a constancia e egualdade de animo com que soffreram os trabalhos da guerra; senão como elles mereciam, ao menos como era possivel e permitta o aperto em que pelas guerras se achavam todas as partes da monarchia. Foi ordenado a Francisco Barreto que as capitancias restauradas pela corõa se considerassem isemptas do dominio dos donatarios. Entretanto estes puzeram embargos: da de Pernambuco julgava-se herdeiro o conde de Vimioso, casado com uma filha de Duarte d'Albuquerque, que perdera os seus direitos ficando em Castella. As remunerações aos tres chefes ainda não ficaram nas que mencionamos. Barreto foi confirmado em capitão-general de Pernambuco, e provido (12 Agosto 1656) no governo geral da Bahia quando o deixasse o conde d'Atouguia; e autorisado a edificar no Brazil uma villa, de que seria senhor; Vieira foi provido no governo de Angola, e em quanto este não vagasse, no da Parahiba (1); e Vidal foi nomeado governador do Maranhão, e pouco depois teve tambem a mercê de successão a Vieira para Angola durante tres annos; sendo todos dispensados, pelos serviços prestados, de ir de proposito ao reino render preito e homenagem. São dignas de transcrever-se as phrases com que a Vidal se fazem estas mercês. Em 2 de Novembro declara el-rei nomeal-o para governar o Maranhão pelos serviços que prestara por mais de vinte annos de guerra «no Brazil, sendo ferido por vezes, e alejado de uma perna; e em particular aos que depois do primeiro despacho continuou na campanha de Pernambuco, d'onde (sic) occupou todos os postos da milicia, de capitão, sargento-mór, mestre de campo, e de um dos governadores das armas no exercito da mesma capitania, sempre com a satisfação que é notoria, e grande despeza da fazenda, pondo (sic) por muitas vezes a sua vida a conhecido perigo, e signalando-se por varias occasiões e recontros, que teve com os inimigos, com singular valor, tendo muita parte dos bons successos e victorias que na dita capitania alcançaram contra os hollandezes, com

(1) Vieira foi tambem depois feito superintendente das fortificações das capitancias do governo do norte, e ainda tinha este cargo em 1675.

grande reputação do nome portuguez, não reparando para esse effeito na perda de sua fazenda, porque quando foi necessario abrasar os cannavies e engenhos d'aquelle districto foi o primeiro que com suas mãos poz o fogo a um de seu pae, para a esse exemplo se fazer o mesmo aos mais etc.» Na nomeação para vir a succeder a Vieira em Angola, cuja data é de 10 do referido mez, é o monarcha mais laconico; e diz unicamente que attendendo aos serviços de Vidal, na capitania de Pernambuco, e á continuação com que os fez em guerra viva tão dilatada, arriscada e trabalhosa, como foi a de Pernambuco, em que assistiu até serem recuperados todos os fortes da dita capitania, e desalojados os hollandezes dos logares que n'ella tinham occupado, em cuja facção o dito André Vidal tomou tão grande parte, depois de se haver achado e servido com particular valor nas mais occasiões que se offereceram pelo discurso (sic) dos annos que de antes havia militado na mesma guerra etc.»

Ainda em Angola os serviços de Vidal não foram inferiores aos de Fernandes Vieira. Vidal salvou esse reino africano-portuguez, da invasão dos sovas barbaros, pela victoria decisiva sobre estes alcançada nas terras d'Ambuilla. Fernandes Vieira tambem sujeitou alguns sovas; e teve uma questão mui grave com os jesuitas, que el-rei resolveu a favor do governador, mandando-lhes estranhar muito o seu procedimento, e advertil-os que «se outra vez, em qualquer parte de seu reino e conquistas, commettessem semelhantes excessos, o haveria por priçados de tudo que possuam de sua corõa, e se procederia contra elles com as mais penas da ordenação.

Pelo mesmo tempo, e bem tarde em verdade, foram attendidos os serviços de Antonio Teixeira de Mello na recuperação do Maranhão, effectuada em principios de 1644. A recompensa limitou-se á capitania do Pará.

Em favor de Henrique Dias não encontramos registada graça ou mercê especial alguma; nem de seu nome ha mais noticia desde que conclue a guerra. Acaso acabaria com ella ou pouco depois, e sendo como os outros agraciado, não chegaria a tirar suas cartas? Entretanto podemos dizer que os seus serviços receberam no Brazil mais gloria e viviadeira recompensa que os dos outros. Foi feito mestre de campo de um terço de ordenanças de negros na Bahia, que nunca se extinguiu e que para sempre se chamaria de Henrique Dias. Esta providencia se fez depois extensiva nas demais capitancias a todos os regimentos da mesma cor que por abreviação se chamavam somente dos *Henriques*. Ainda conservamos lembrança de haver visto, em nossa infancia, dois regimentos d'estes na procissão do Corpo de Deus no Rio de Janeiro; e bem longe estavamos então de saber a origem de tão estranha como admiravelmente justa denominação dos *Henriques*!

Entre os historiadores, o mais autorisado para todo este periodo, desde fins de 1638, em que acabam as memorias diarias do conde de Pernambuco Duarte de Albuquerque, até a capitulação final de 1654, é o terceiro conde da Ericeria D. Luiz de Menezes, separando-se, como se podem separar, de cada anno dos seus *annos*, que levam o titulo de «Portugal restaurado», os periodos respectivos ao Brazil. Frei Manuel Calado, (que no texto da sua historia intitulada «O Valoroso Lucideno» se nomeia sempre por frei Manuel do Salvador) é mais minucioso; mas não possui dotes de historiador. Panegyrista de Fernandes Vieira, compromette-o quando o deseja desculpar ou elogiar; testemunha a presença de muitos successos, exagera a importancia do que viu ou passou mais perto de si, não fazendo avultar os mais importantes á historia; ministro de uma religião santa e de paz, é de animo pequenino contra os que não eram seus amigos, professa odio fidalgo aos hereses, e creê em todos os boatos que se faziam correr para tornar odiosos ao povo os estrangeiros dominadores. Da sua obra imprimiu-se em 1648 a primeira parte, que alcança a meação de Julho de 1646; mas foi sustada a requerimento do vigario Gaspar Ferreira, alvo de suas iras no texto d'ella, e só lhe deram de novo a licença para correr em 1668. A segunda parte, attribuida por um respeitavel ami-

go nosso fallecido (1) a Diogo Lopes de Santiago (autor de outro escripto talvez perdido sobre o mesmo assumpto), ainda está manuscrita, mas foi, como a primeira impressa, vista e manuseada pelo benedictino frei Raphael de Jesus, que não fez mais do que publicar em 1679, com o titulo de «Castrioto Lusitano» (2), uma compilação d'esta obra, em estylo culto ou guindado por excellencia, do mesmo modo que pouco antes (1675) Francisco de Brito Freire fizera, passando ao portuguez, em estylo ultra-culto, as ingenuas memorias diarias do conde de Pernambuco, que no extremo opposto se podem proclamar como escriptas sem estylo.

#### A villa da Covilhã.

Está situada esta villa na provincia da Beira, sete leguas ao sueste da cidade da Guarda, nas faldas da serra da Estrella, e entre as ribeiras da Carpinteira e da Degoldra.

Se dermos credito á tradição, que alguns escriptores referem, e acceitam como verdadeira, foi esta villa fundada pelos annos de 690 pelo conde D. Julião, e n'ella nasceu sua filha Florinda, a que deu causa, pela paixão que a sua belleza excitou no rei D. Rodrigo, a que seu pae, vendendo a patria a troco de uma vingança, chamasse os moiros á Hespanha, e lhes facilitasse a conquista da peninsula.

Seguindo a mesma tradição, do nome de Cava, que os moiros deram a Florinda para significar a sua infancia, veio a chamar-se a povoação *Cava Juliani*, de que se derivou por corrupção *Caviliana*, e depois *Covilhã*.

Arruinando-se durante as guerras, que abrasaram o solo da peninsula depois d'aquella funesta invasão, achava-se quasi inteiramente destruida no reinado do nosso rei D. Sancho I, que a mandou reedificar e povoar. Deu-lhe foral este soberano no anno de 1186, e os seus successores augmentaram-lhe os primeiros privilegios, honrando-a el-rei D. Sebastião com o titulo de *notavel*.

Divide-se a villa nas seguintes parochias: S. João; S. Martinho; S. Vicente; Santa Maria de Reclamador, corrupção de Roque Amador; S. Silvestre; Santiago; S. Pedro; Santa Maria Magdalena; S. João de Malta; S. Paulo; S. Bartholomeu; S. Salvador; e Santa Marinha, que fica fora da villa.

Tem hospital e casa da misericordia, aquelle instituido em 1213, e esta em 1377. Dentro e fora da povoação ha umas oito ermidas. Existem na villa os edificios de dois extinctos conventos, um que foi de religiosos franciscanos, e outro de frades capuchos.

Na parte mais alta da villa vê-se um castello antiquissimo, com duas torres. Nas velhas muralhas, que defendiam a povoação, e que foram mandadas fazer por el-rei D. Diniz, ha tres portas chamadas de Valle de Caravelho, do Sol, e do S. Vicente. E' abastecida esta villa de muita e excellente agua, e um dos seus chafarizes é de boa architectura.

As fabricas de pannos de lã constituem a sua principal industria. Datam de remotas eras; empregam grande numero de braços, e teem tido muitos aperfeiçoamentos.

A situação da Covilhã é muito agradável. As duas ribeiras, que a cercam, fertilisam e aformoseiam os seus campos. Todo o paiz em redor é muito arborizado. O seu termo, que é grande, produz toda a qualidade de fructos, principalmente castanha, e abunda em optimas pastagens, em que se cria bastante gado.

No antigo regimen esta villa tinha voto em côrtes, com assento no banco quarto. Tem por armas uma estrella em campo azul no meio do escudo, pela razão de estar edificada na serra do mesmo nome.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O corrupto julgador é peor que o salteador.

(1) O Cardeal Patriarcha S. Luiz.

(2) O original d'esta obra se guarda hoje na Torre do Tombo em Lisboa.

#### Canção indiana.

IMITADO.

Perto do lago azul, tepida estancia,  
Nas cascatas d'Elóra,  
Eu vi na minha infancia  
Aquelle que minh'alma sempre adora!  
De perolas thesouro, e de coral,  
Lhe disse — que t'eguala?  
Em seu serralho d'oiro e de cristal  
Por ti geme Aureng-Zeb, rei de Bengala!

Oh! quem me restituira  
A amena estancia  
Da minha infancia,  
Dos meus annos a aurora!  
Oh! quem me repetira  
A voz vibrante  
De minha amante,  
Sob as fontes d'Elóra!

Eu lhe dizia: — o astro que fulgura  
Na fronte fúlgida do deus azul  
Menos brilha; a luz sua é menos pura  
Que a de teus olhos, per'la de Chaúl!  
Vem contar-me esses prantos tão sentidos  
Da formosa sultana de Delhy;  
Amo ouvil-os em teu canto repetidos,  
Com tua fresca voz de Bengali.

Oh! quem me restituira  
A amena estancia  
Da minha infancia,  
Dos meus annos a aurora!  
Oh! quem me repetira  
A voz vibrante  
De minha amante,  
Sob as fontes d'Elóra!

Formosa sem segunda,  
D'estio em uma tarde amena e estiva  
Ella foi com as filhas de Golconda  
A festa do deus Siva!  
Entre vinte formosas das primeiras  
Sob'ella veio a sorte decidir;  
E o pod'roso sultão das Cem-Ribeiras  
A mandou de presente a seu visir!

Oh! quem me restituira  
A amena estancia  
Da minha infancia,  
Dos meus annos a aurora!  
Oh! quem me repetira  
A voz vibrante  
De minha amante,  
Sob as fontes d'Elóra!

Era a hora em que o grande tigre gyra,  
Que eu a esp'rei em angustias... indeciso!...  
Um honzo que passara, e eu inquirira,  
M'a fez ver divagar no paraizo!  
Espera-me no ceo! sentada ao lado  
Da divindade azul, que tira e dá,  
Que da terra, ciosa, m'ha roubado  
P'ros ethereos jardins de Mandaná!

Oh! quem me restituira  
A amena estancia  
Da minha infancia  
Dos meus annos a aurora!  
Oh! quem me repetira  
A voz vibrante  
De minha amante  
Sob as fontes d'Elóra!

H. VAN-DEITERS.

#### Fragmento do sonho do Eden do poeta Blomfield.

IMITADO.

Nunca depois do momento  
Em que o homem, acordando  
De um sonho sereno e brando,  
Viu d'Eva a formosa imagem  
Sob'as flores retratada;

Depois do celeste p'raizo,  
Nunca olhar mais gracioso,  
Nem mais candido sorriso  
De mulher, illuminara  
Os ceos! — quando as vozes mil,  
Que da terra se desprendem,  
Que em poesia a alma accendem,  
Desde a aurora até a noite,  
E da noite á madrugada:  
— De mil aves os descantes  
Da fonte o doce murmúrio  
Do valle os eccos — toada  
No ceo p'lo Eterno ouvida —  
— Disseram ao universo,  
Que a mulher era nascida!

H. VAN-DEITERS.

#### Miscellanea.

Ali-pachá foi encarregado, em Dezembro do anno passado, pelo governo ottomano, de inspecionar as fortalezas na ilha de Rhodes, Chypre e Cos. Quando mandou demolir umas ruinas em Nicoria, foi achada n'um subterraneo uma lapida com uma inscripção em latim, bastante deteriorada pelo tempo, que dizia o seguinte: «Aqui jaz o corpo de João Pedro Corsini, general do exercito do rei de Chypre, que morreu aos 5 de Março de 1358. — Por ordem do rei construiu as fortalezas de Nicoria.» Suppõe-se que este rei é Hugo IV, o oitavo successor de Guy de Lusignan, primeiro rei de Chypre.

Mr. Hall afirma, que vira em Van Diemen's-land uma arvore da tribu gomosa, que tinha trinta e tres pés de altura, e vinte e oito jardas de circumferencia o tronco junto ao chão.

#### Resposta.

Quando deve a cabelleira.

Conclue a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DO FUNCHAL.

*Concelho de Calheta.*

Ill.<sup>mos</sup> Srs.

Calheta — José Joaquim de Freitas.

*Dito de Camara de Lobos.*

Campanario — Jacintho Augusto Gonçalves.

*Dito do Funchal.*

S. Pedro — Francisco Sergio Drolhe.

*Dito de Machico.*

Machico — Francisco José Rodrigues d'Almada.

*Dito de Ponta do Sol.*

Ponta do Sol — Miguel Luiz Valerio.

*Dito de Porto do Moniz.*

Porto do Moniz — José Bernardino de Brito.

*Dito de Porto Santo.*

Porto Santo — João Agostinho de Vasconcellos Lomelino.

*Dito de Sant'Anna.*

S. Jorge — Carlos Acciaioy Rego.

*Dito de Santa Cruz.*

Gaula — Manuel da Camara Bittencourt Perestrello.

*Dito de S. Vicente.*

S. Vicente — Joaquim de Sousa Brazão.

DISTRICTO DA HORTA.

*Concelho da Horta.*

Flamengos — Thomaz Pereira Luiz.

*Dito da Ilha das Flores e Corvo.*

Santa Cruz — Giraldo Joaquim da Silveira Bittencourt.

*Dito de Villa das Lagens.*

Piedade — Marcos da Silva Neves.

DISTRICTO DE PONTA DELGADA.

*Concelho de Lagoa.*

Agua de Pau — Manuel Emydio Teixeira.

*Dito de Ponta Delgada.*

Candelaria — José Raposo do Amaral Pacheco.

*Dito da Ribeira Grande.*

Ribeira Secca — José de Medeiros Rego.

*Dito de Villa Franca do Campo.*

Villa Franca do Campo — Luiz Jacinto Pereira.